

# Dissimular para sobreviver: a cumplicidade do silêncio

## Hide to survive: the complicity of silence

FRANCISCA ZULEIDE DUARTE DE SOUZA \*

RESUMO: ESTE ARTIGO ANALISA O ROMANCE *HIBISCO ROXO* (2011), DA ESCRITORA NIGERIANA CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE. PRETENDE-SE DISCUTIR O RECURSO À DISSIMULAÇÃO ADOTADO POR PERSONAGENS SUBALTERNIZADAS NAS LITERATURAS VINCULADAS AO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA DIANTE DOS SISTEMAS DE DOMINAÇÃO E SILENCIAMENTO IMPOSTOS POR REGIMES AUTORITÁRIOS.

ABSTRACT: THIS PAPER ANALYZES THE NOVEL *PURPLE HIBISCUS* (2011), BY THE NIGERIAN WRITER CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE. WE INTEND TO DISCUSS THE EXPEDIENT OF DECEPTION ADOPTED BY SUBALTERN CHARACTERS ENGENDERED THROUGH LITERATURES PRODUCED UNDER THE IMPACT OF COLONIZATION PROCESSES AS A SURVIVAL STRATEGY IN THE FACE OF DOMINATION AND SILENCING SYSTEMS IMPOSED BY AUTHORITARIAN REGIMES.

PALAVRAS-CHAVE: DISSIMULAÇÃO HONESTA, LITERATURA NIGERIANA  
KEYWORDS: HONEST DISSIMULATION, NIGERIAN LITERATURE

---

\* Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

**D**iscute-se, neste texto, o recurso à dissimulação adotado por personagens subalternizadas nas literaturas vinculadas ao processo de colonização, com enfoque no discurso de e sobre a mulher. Proposto por Acetto (2001), o conceito de dissimulação honesta apresenta uma diferença entre simulação e dissimulação, sendo este último utilizado como estratégia de sobrevivência diante dos sistemas de dominação e silenciamento impostos por regimes autoritários. Da sociedade familiar aos países convulsionados por graves interferências sociais e políticas, da relação colonizado versus colonizador, patrão e empregados, bem como pais e filhos, marido e mulher, a necessidade de uma atitude contemporizadora, mas não subalterna, por parte do tido como mais fraco nas relações, impõe uma postergação como resposta, em nome de ganhos futuros, que se pode traduzir na dissimulação honesta. Segundo Edimir Míssio (2012):

As “artes de fingir”, nos termos de Acetto, traduzem-se por vários modos e nomes. O tratado acettiano apresenta uma série de vocábulos que giram em torno do conceito de dissimulação honesta: suportar, calar, tolerar, desviar da verdade, silenciar, ocultar e especialmente ter paciência. (p.136)

Analisa-se o romance *Hibisco Roxo* (2011), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, focalizando (1) a relação da narradora Kambili com o seu Papa e (2) da mãe Beatrice com o violento marido Eugène. Em meio aos conflitos instaurados pelo patriarcalismo, herança da educação tradicional, radicalizada na conversão desses representantes do povo igbo ao catolicismo, circulam a menina Kambili, o irmão Jaja e Beatrice, esposa maltratada, agredida, vilipendiada, que lança mão da única estratégia possível face ao agressor: a dissimulação, inicialmente sob forma de silenciamento, e mecanismo de sobrevivência e/ou restauração da harmonia ameaçada.

Publicado em 2003 nos EUA, *Purple Hibiscus (Hibisco Roxo)* só foi traduzido para o português em 2011, depois do grande sucesso de *Meio sol amarelo* (2008), *Half of a yellow Sun* (2006), onde a autora narra a sangrenta e inglória guerra pela criação da república de Biafra.

O texto enfoca uma família nigeriana, praticante do catolicismo fanático, cujo chefe, Eugène, considerava, nas palavras de REIS (2011:34) em tese sobre Wole Soyinka, a África tradicional, rural “um outro perigoso pelos próprios afri-

canos” (pelo menos por aqueles mais familiarizados com a cultura ocidental). Pela rejeição das origens, o homem comandava a família exercendo absoluto controle sobre as mínimas ações. Esse exercício exagerado da autoridade traduz-se, nas palavras de SENNETT (2012:33) em uma “tentativa de interpretar as condições de poder, de dar sentido às condições de controle e influência, definindo uma imagem de força”. É precisamente essa força e as consequências dela advindas, que mantém mãe e filhos em constante estado de alerta.

Empresário bem sucedido, gozando do conceito de honesto e excelente católico, Eugène, o pai, subjugava a esposa Beatrice, a filha Kambilli e, filho varão Jaja. O conflito instaura-se, em plena semana santa, quando Jaja se rebela contra a tirania do Papa, não comparecendo à comunhão. A voz condutora da narrativa é de Kambilli :

As coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão , Jaja, não recebeu a comunhão, e Papa atirou seu pesado missal em cima dele e quebrou as estatuetas da estante. Havíamos acabado de voltar da igreja (HR, p.9).

Pela reação do Papa já se presume o tipo de violência de que era capaz. Esse pai cruel era tido como exemplo de empresário generoso e politicamente correto, além de cristão exemplar. Oblato da igreja, era o escolhido pelo padre Benedict como paradigma de fé e piedade.

A narrativa feita pela jovem inscreve-se numa ótica duplamente feminina, autora e narradora. Entre o crescimento dos hibiscos, e a deterioração da família, flui a história de silenciamento e repressão familiar. O roxo hibisco indicia o ritual da semana santa, vivido pela família e, mais profundamente, remete aos hematomas roxos na face de Beatrice.”Nunca havia lágrimas em seu rosto. Da última vez, há apenas duas semanas, quando seu olho inchado ainda estava da cor preto- arroxeada de um abacate maduro demais, Mama rearrumara as estatuetas...”(HR,17). A narradora refere a beleza do rosto da mãe, desfeiteada por recente cicatriz na testa. Ela sabia que a mãe era vítima de maus tratos e percebia o medo em sua voz cada vez mais baixa. Mama nada dizia e buscava, ao ser questionada, explicações ingênuas, reclamando da própria inabilidade ao caminhar pela casa.

A repressão às tradições ancestrais africanas mobiliza a energia do empresário neocatólico para ações enérgicas de sufocamento, interdição e insanida-

de, diante da representação de um mundo que abandonou e tenta apagar de sua própria vida. A rejeição do velho pai, da irmã Ifeoma e dos sobrinhos, leva Eugène a adotar um discurso preconceituoso, discriminador e violento, reproduzindo o verbo evangelizador a serviço de uma divindade que pune e mata os naturais ou “indígenas”, que resistem, o quanto podem, ao apelo ideário de base cristã. Nesta perspectiva, o exílio imposto ao núcleo familiar, torna seus descendentes condenados entre “os condenados da terra”.

Muito se tem escrito sobre a violência e o desrespeito dos colonizadores contra os colonizados. Neste processo de dizibilização dos silenciados falta ainda ouvir crianças, velhos (tema mais estudado), brancos escravizados pelos próprios compatriotas colonizadores, como relata Kirimbo 70 em *O filho da preta* (2009) e como não poderia deixar de ser, mulheres. Não obstante terem sido publicados obras exclusivamente sobre mulheres, como o recente *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente* (2009), organizado por Mata e Padilha, entre tantas publicações esparsas no expressivo contingente de textos sobre áfricas e afrodescendentes, há uma vereda, dentre as milhares delas, a ser palmilhada mais detidamente: aquela trilhada pela mulher africana, cujo marido foi decisivamente ocidentalizado, educado para negar a tradição, transformando-se em um católico fanático, autoritário, mentalmente colonizado. Entre a esposa desse egresso da africanidade e as mulheres que viveram sob jugo e no leito do colonizador, se há diferença, é sutil demais.

Essa reflexão enfoca a situação de mulheres espancadas, feridas e ameaçadas pela intolerância do marido/pai, cidadão tido na mais alta conta no grupo social que frequenta. Na leitura do romance *Hibisco Roxo*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, encontra-se a denúncia do autoritarismo, da violência doméstica, do fanatismo religioso, entre outros clamores. Oriunda de um país de colonização britânica, Nigéria, mais populoso país da África, a autora, pertencente ao grupo étnico *igbo*, do leste da Nigéria, de religião católica, na sua expressão ocidentalizada, visibilizou seu país e conseqüentemente sua obra em pronunciamento divulgado nas redes sociais, com o título: “O risco de uma história única”, alertando o mundo para a compreensão do continente africano a partir de uma leitura atualizada, sem o vezo mistificador do exotismo, da estranheza, do intangível.

Oriunda de um país de colonização britânica, Nigéria, mais populoso país da África, a autora, pertencente ao grupo étnico *igbo*, do leste da Nigéria, de

religião católica, na sua expressão ocidentalizada, visibilizou seu país e consequentemente sua obra em pronunciamento divulgado nas redes sociais, com o título: “O risco de uma história única”, alertando o mundo para a compreensão do continente africano a partir de uma leitura atualizada, sem o vezo mistificador do exotismo, da estranheza, do intangível.

Estudando nos EUA, a autora espantou-se com a absoluta falta de informação sobre o continente africano, ao constatar a estranheza das colegas americanas diante de sua maneira de ser, através da qual revelava intimidade com os hábitos culturais do mundo dito desenvolvido, que a desinformação delas acreditava serem privilégios dos países imperialistas. A apresentação de Chimamanda, pela lucidez, tem circulado nas discussões acerca de uma leitura atual e consequente das muitas Áfricas que fazem o continente.

Os efeitos da política pós-colonial, somada às perspectivas impingidas pelo multiculturalismo, disseminam-se na escrita de autores africanos, em geral, e não menos na das mulheres. O diálogo com a tradição e o conflito instaurado pela ameaça de apagamento que paira sobre costumes ancestrais, lastreados por uma gama de valores não reconhecidos num novo mundo velho, revelam-se na escrita desses autores, representando não uma única versão da história, mas indiciando a multiplicidade de vozes permeadas por um discurso que rejeita a representação reducionista, como bem disse Chimamanda Ngozi Adichie (2011), reforça-se aqui. Estas narrativas dão voz a histórias escritas com sangue, lágrimas e desespero. O entrecruzar de dados dispersos que, religados, permitiria a construção de uma memória coletiva, conforme o historiador Joseph Ki-Zerbo (1990), aponta para uma impossível ubiquidade: manter-se na integridade identitária fixa, calcada no ideário da tradição e, ao mesmo tempo, negociar uma identidade provisória e móvel sem contaminação entre as duas.

A labilidade das fronteiras em um mundo regido pela usurpação da fala do outro, pelo poder instituído ou pela pretensão de representação desautorizada desse outro, imputando discursos e ideais a quem se viu historicamente proibido de pensar e falar por si mesmo, dissemina-se no discurso das mulheres dupla ou triplamente invisibilizadas. Por outro lado, minimizar os efeitos da globalização, considerando-a uma instância meramente econômica, seria negar os efeitos do imperialismo econômico nas manifestações mais perversas. Impõe-se um repensar a identidade sob a ótica do hibridismo. A veloci-

dade da informação, a quebra das fronteiras antes estáveis, a necessidade de conviver com a alteridade, o dinamismo das mudanças, levam à construção de uma identidade de relação, no entrecruzamento necessário em que, juntamente com o outro, são definidos o código de diferenciamento e os espaços de cada um.

Entre o roxo do olho, o branco da Virgem loura e o tom leitoso da pele do padre Benedict, está o Irmão Eugène, verdugo do lar, modelo de virtude e bondade, exaltada pelo padre inglês, na tentativa de conversão de mais “nativos” (grifo meu). O padre proibiu a missa em *igbo*, língua local, impondo latim para o ofício, mas sempre negociando com a vaidade do fanático pai de Kambilli:

Vejam o irmão Eugene. Ele poderia ter escolhido ser como os Outros Homens-Grandes deste país, poderia ter decidido ficar em casa e não fazer nada depois do golpe, para não correr o risco de ver seus negócios ameaçados pelo governo...O irmão Eugene se manifestou em nome da liberdade. Quantos Refletiram a Entrada Triunfal? (IX.10-11)

A congregação era instada a bendizer aquele homem e a seguir o seu exemplo de cristão e patriota. Entretanto, no domingo de ramos, o filho de Papa não foi receber a comunhão. Instala-se, a partir de então, a guerra familiar contra o insolente e pecador Jaja.

Beatrice nada podia fazer em defesa dos filhos nem de si própria. Em casa todos falavam inglês, para mostrarem quão civilizados eram. As crianças tinham rígidos horários a cumprir e, como era de esperar, a melhor colocação na escola havia de ser sempre delas. O pai não admitia o segundo lugar: havia de ser sempre o primeiro.

A vida privada na casa era inexistente: os quartos não tinham chaves, pois o pai podia circular sempre neles, evitando, no caso do rapaz, que cometesse “um pecado contra o próprio corpo”. Mama, mancando, o rosto inchado do “preto-arroxado como abacate maduro demais”, nada podia dizer. Havia sofrido sucessivos abortos causados por maus-tratos, mas os crédulos vizinhos atribuíam o insucesso das gestações a uma maldição. Beatrice, vítima, ainda se dizia grata a Eugène por mantê-la como esposa, apesar do útero fraco. Sabia e sentia uma raiva contida contra o marido agressor mas precisava dissimular,

postergar atitudes apressadas, exercitar paciência e cautela, astúcia, diplomacia: dissimulação honesta.

Essa arte, nas palavras do filósofo italiano Torquato Acetto, não é outra coisa se não “um véu composto de trevas honestas e decoros forçados, de que não se forma o falso, mas se dá algum repouso à verdade, para demonstrá-la a seu tempo...”. Habilidade de evitar que as coisas sejam vistas como realmente são, como um ato de suspender a verdade, nem sempre oportuna em certas circunstâncias. Assim, Beatrice deixava entrever um não-dito, ocultado pelos olhos, frases e atitudes, amaciando o duro julgamento da cunhada Ifeoma, do sogro Papa-Nnukwu, dos sobrinhos e dos próprios filhos. Esta era a estratégia para resistir. Garantir a própria sobrevivência e a dos filhos. As atitudes selvagens do pai levam Kambilli a compará-lo a um “nômade fulani... estalando seu cinto em cima de Mama, de Jaja e de mim...” (HR,112). A insanidade do pai era tal que, questionada sobre os machucados provocados pelo cinto, a própria Kambilli responde: “Senti minhas costas latejando, mas disse que não, que não estava machucada”. Também ela, a filha, usava o mesmo recurso da mãe, indiciando a eficácia dessa arma discreta, necessária às escravas da violência e da subalternização, vítimas silenciosas do jogo de interesses que a todos arrasta.

O drama iniciado na semana santa toma elevadas proporções quando os meninos vão a Nsukka, visitar a tia, Ifeoma, professora da Universidade e seguidora das tradições *igbo*. A descoberta de uma vida cheia de privações econômicas, mas livre de tantas vigilâncias e punições, revela aos irmãos, Jaja e Kambilli, um mundo diferente, onde as mulheres usam calças compridas, os filhos expõem as opiniões em família e exprimem um pensamento politizado. Aqueles dias de férias, arrancados a duras penas de Eugène, acabam bruscamente quando ele descobre que os filhos dormiram no mesmo teto em que também dormiu o avô, seu pai. Revoltado com o “sacrilégio”, Eugène arrancou os filhos da residência da irmã, ignorando a morte do próprio pai, ocorrida na noite anterior. Ao chegar à casa da família, Eugène celebra o ritual da purificação, de maneira insana.

Papa baixou a chaleira dentro da banheira e inclinou-a na direção dos meus pés. Derramou água quente nos meus pés, lentamente, como se estivesse fazendo uma experiência e quisesse ver o que ia acontecer... (HR, p. 312)

A mãe, silenciosa e banhada em lágrimas, a tudo assistia sem comentários. Calada, ajudou a filha a sair da banheira, oferecendo-lhe remédio. A passividade daquela mulher intrigava a filha e revoltava cunhada e sobrinhos. A desculpa de Beatrice era sempre que Eugène andava nervoso, tenso. Alvo predileto, depois da mãe, Kambilli, ao ser descoberta com um retrato de Papa-Nnukwu, sofre mais uma agressão com chutes e pontapés que a levou ao hospital em estado gravíssimo, com hemorragia interna. Pela primeira vez Kambilli observou uma revolta contida no gesto da mãe:

Mama tocou minha mão. O rosto dela estava inchado de tanto chorar e seus lábios estavam ressecados, com pedaços da pele transparente saindo. Quis poder me levantar e abraçá-la, mas também quis empurrá-la para longe, com tanta força que sua cabeça cairia para trás (HR,225).

O personagem Eugène dialoga com Okonkwo (*O mundo se despedaça*, 2009) de Chinua Achebe, conhecido escritor nigeriano recém-falecido. Achebe explica a violência do seu personagem da seguinte maneira,

Okonkwo governava a família com mão pesada. Suas esposas, principalmente as mais jovens, temiam constantemente seu temperamento violento, assim como os filhos menores. Talvez, no fundo do coração, Okonkwo não fosse um homem cruel. Mas toda sua vida era dominada pelo medo...não se manifestava eternamente; jazia no centro do seu ser. Era o medo de si próprio, de que afinal descobrissem que ele se parecia com o pai (2009, p.33).

O pai cruel de Jaja e Kambilli odiava o próprio genitor e todas as coisas que remetessem a ele e à cultura de onde veio. Daí viver às turras com a irmã Ifeoma, “adoradora de ídolos” nas suas palavras, e a tentativa malograda de expurgar todo e qualquer tipo de influência que os filhos pudessem sofrer da tradição maldita de onde veio. Na sua insanidade, Eugène reproduzia os flagelos infligidos aos mártires, como se fora ele um Deus vingador. Queimar os pés dos filhos, tentar “purificá-los com o fogo”, raia à loucura.

A convivência com esse homem desequilibrado, que paradoxalmente tinha acessos de generosidade com os pobres, gerou nas mulheres ao seu redor uma espécie de resistência pacífica ou uma dissimulada passividade, que não

queria significar submissão. O medo das próprias origens o ameaçava constantemente, sendo seu pai o inimigo por excelência. Por isso, pagou o funeral do velho Papa Nnukwu com régia doação. Não por honrar o nome do pai, mas pela libertação experimentada. Pagou mas proibia mulher e filhos de participar, revoltando a irmã Ifeoma.

A reflexão de Gayatri Spivak se faz necessária aqui, para elucidar a posição da mulher:

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da “mulher no Terceiro Mundo”, encurralada entre a tradição e a modernização (2010:119).

Assim colocam-se Beatrice e Kambilli, espremidas entre duas forças poderosas e antagônicas: de um lado, o marido/pai violento, conservador, surdo aos apelos do bom senso; do outro, a combatente tia Ifeoma, seu filhos e o Padre Amadi, acenando com outra vida, com sacrifícios, mas sem a violência diária. “Às vezes a vida começa quando o casamento acaba” (HR, p. 318), disse a cunhada. Reflexões para a infeliz Beatrice no seu silêncio após as honras fúnebres.

Na casa da tia, toca insistente o telefone:

A voz baixa de Mama flutuou pelo fio e rapidamente acalmou minha mão trêmula.

Kambilli, é seu pai. Ligaram para mim da fábrica, ele foi encontrado morto, caído sobre a mesa de trabalho (HR, 301-302).

A notícia dada pela voz suave da mãe, perturbou a menina. Ela não julgava o pai mortal, com sua foça e onipresença presumida. Constatado o envenenamento, Mama anunciou no melhor estilo: “Comecei a colocar o veneno no chá dele antes de ir para Nsukka. Sisi arrumou-o para mim; o tio dela é um curandeiro poderoso” (HR,305).

Nem a declaração solene deu voz à mulher. Assumindo a culpa, Jaja foi levado à prisão, sob os protestos da mãe que contava, com detalhes, o envenenamento. Ninguém lhe deu ouvidos. Não podia ter sido ela, a doce e

submissa Beatrice, que não reclamava nunca, jamais poderia cometer tal ato, não era capaz. Escreveu aos jornais, mas ninguém acreditou. Atribuíram a autoacusação ao desespero de perder o marido e ver o filho preso.

Sem respeitar os rituais da viuvez, Beatrice empenhou-se na libertação do filho inocente. A culpa, jamais pôde assumi-la porque, simplesmente, “a mulher como subalterna não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios de se fazer ouvir” (2010:15).

Pela primeira vez, Kambilli escutou a mãe falar sem ser interpelada. A esperança nasce no coração da menina que se deixa acariciar como as ixoras de flores sumarentas se oferecem aos lábios sequiosos: obrigada nne.

### Referências bibliográficas

- ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- ADICHIE, Chimamanda. *Hisbisco Roxo*. Tra. Julio Romeu. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- MÍSSIO, Edmir. *A Civilidade e as Artes de Fingir*. São Paulo: Edusp, 2012.
- REIS, Eliana L. de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011.
- SENNETT, Richard. *Autoridade*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Record, 2012.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.